

## “O USO DO DESENHO CONJUNTO NA ENTREVISTA FAMILIAR: UMA PROPOSTA PARA O PSICODIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS”

Audrey Setton Lopes de Souza (Universidade de São Paulo/São Paulo/SP)

Maria Regina Brecht Albertini

(Universidade Presbiteriana Mackenzie/São Paulo/SP)

Doutorado

CLIN

Na área do psicodiagnóstico de crianças, a literatura científica tem apontado para a orientação de que o uso do desenho pode ser utilizado como um valioso recurso. Além disso, a clínica com crianças tem exigido mudanças no manejo de algumas situações, modificações no enquadre clássico proposto para atendimento, como a inclusão dos pais na sessão. Nessa perspectiva de trabalho, os atendimentos com crianças têm considerado cada vez mais a possibilidade do uso da entrevista familiar nos processos de psicodiagnóstico e de psicoterapias. A premissa básica apontada é a de observar *in loco* as situações descritas pelos pais nas entrevistas de anamnese, as queixas trazidas por eles e, ao mesmo tempo, as atitudes das crianças na presença deles. Inserido nesse campo de estudos, esta investigação objetiva discutir a possibilidade do emprego desse recurso com a ampliação de mais um elemento, qual seja: a realização de um desenho conjunto pelo grupo familiar presente na entrevista familiar diagnóstica. Como método, utilizamos o clínico-qualitativo, com fundamentação psicanalítica, sobretudo a desenvolvida por Donald Winnicott. Em termos de procedimento, em uma instituição de ensino superior, dois psicodiagnósticos de crianças foram efetuados. Em ambos, o trabalho consistiu nos seguintes passos sequenciais: entrevista de anamnese com os pais, observação lúdica com a criança, Procedimento de Desenho de Família com Estória (DF-E), entrevista familiar, entrevista devolutiva. Os resultados apontaram que nos dois processos de psicodiagnóstico efetuados a entrevista familiar propiciou a observação do conflito da criança no grupo familiar; o uso do desenho conjunto facilitou a expressão e a comunicação de conflitos; a experiência compartilhada teve um caráter de diagnóstico interventivo. Nesse sentido, além de uma avaliação psicológica, o processo de psicodiagnóstico realizado implicou numa forma de intervenção clínica que surge da concepção de que toda entrevista clínica é interventiva, na medida em que é oferecido um campo de escuta por parte do analista. Tal campo delimita um lugar para a comunicação, de modo em que a confiança é compartilhada e as expressões são recebidas, contidas e sustentadas. Em outras palavras, é oferecido um limite, uma espécie de moldura em um campo de experiência, um lócus a fim de buscar facilitar a comunicação significativa. Assim, esse espaço potencial é o lugar onde ocorre a comunicação significativa e transformadora. Se fundado nessa orientação, o atendimento clínico pode ser considerado interventivo e rompe-se, assim, a separação entre a fase de psicodiagnóstico e a de tratamento, aproximando-nos de um diagnóstico interventivo. O modelo construído e aqui apresentado procura um modo de realizar a coleta de dados no psicodiagnóstico, ampliando o campo de observação a partir de um dispositivo clínico, no caso o desenho realizado nas sessões facilitando a criação de condições para que ocorra uma experiência e uma comunicação significativa para a família.

Palavras-chave: psicodiagnóstico de crianças, Donald Winnicott, espaço potencial, desenho familiar conjunto.